



MATA ATLÂNTICA: A PRIMEIRA IMPRESSÃO DE UMA VISÃO EUROPEIA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3950

Anelisa Mota Gregoleti, UEM

Nathália Moro, UEM

Christian Fausto Moraes dos Santos, UEM

Resumo

Um novo ciclo de impacto sobre a fauna se iniciou com a expansão marítima das nações europeias a partir do século XVI. Quando o europeu chegou às terras do Novo Mundo e se deparou com a abundância terrestre, aquática e aérea, logo, explorou esses recursos. Além do consumo direto de animais nativos da América portuguesa para o próprio sustento desses navegantes, os europeus introduziam animais exóticos nesse Novo Mundo (cabras e galinhas, por exemplo). Os exploradores e naturalistas viajantes que passaram pela Mata Atlântica deixaram relatos sobre a sua fauna, a sua flora, os mamíferos, os répteis, as aves, os peixes e demais espécies de animais, assim como as plantas, as frutas, as ervas e a sua ecologia. A investigação histórica através de antigas publicações nos fornece informações sobre a distribuição geográfica de animais, plantas e populações. A primeira impressão que os colonizadores da América Portuguesa do século XVI tiveram sobre a Mata Atlântica, pode ser encontrada nas descrições de cartas, de relatos, de crônicas, de pinturas e de gravuras. Esse estudo analisa como as atividades humanas trazem consequências diretas nos ecossistemas, levando em consideração os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam na modificação do espaço físico conhecido como Mata Atlântica.

Palavras Chave:

Mata Atlântica; animais; plantas; América do século XVI.

Introdução

A Mata Atlântica foi a primeira paisagem que os colonizadores encontraram. Era exuberante e majestosa. Nada nela lembrava as florestas europeias, nas quais as plantas são pouco variadas e se distribuem de modo bem-comportado. Um misto de assombro e fascínio tomou conta dos primeiros exploradores. Estariam diante do Éden? “Se o paraíso terrestre está localizado em alguma parte da Terra, julgo que não dista muito desta região”, escreveu em 1502, extasiado, o navegador italiano Américo Vesúcio (1454-1512), que teve seu nome eternizado no novo continente. O encantamento dos forasteiros durou pouco. Logo eles começariam a destruir aquela floresta aparentemente inesgotável, dando início a uma tragédia ambiental que se agravou ao longo dos séculos e prossegue até hoje.

A arte de classificar e registrar o mundo natural veio a se transformar em uma necessidade para compreender as funções das plantas, minerais, rochas, animais, etc. O cenário e as paisagens do território conhecido atualmente como Brasil, foram escritas e pintadas por diversos artistas, clérigos, exploradores e demais pessoas enviadas ao Novo Mundo. Esse conjunto de obra testemunha a variedade de tradições artísticas que combinaram com as novas paisagens visuais, por exemplo, a imensidão da paisagem despovoada e o estranhamento causado pela vegetação e pelos animais dos trópicos. (BELLUZO, 1999).

Após a descoberta do Novo Mundo pelos portugueses, o atual território chamado Brasil se tornou um dos destinos mais desejados pelos exploradores europeus, devido às suas riquezas naturais. Nos três primeiros séculos de colonização, viajantes e jesuítas contribuíram para o conhecimento da fauna e flora. A partir do século XVI, com a era dos Descobrimentos, até o século XVIII, percebe-se através de relatos de

viagem, a preocupação em obter fontes de proteína e gordura animal para o próprio sustento dos navegantes, e também o impulso sobre as redes de comércio das especiarias (FLANDRIN; MONTANARI, 1998, p.532-557).

Os homens renascentistas e aqueles anteriores a eles possuíam uma percepção da natureza repleta de sentimentalismo e, em certa medida, antropocêntrica. Ao longo da era Moderna ocorreram diversas mudanças relacionadas à maneira como o homem observava a natureza e compreendia sua interação com os animais, plantas e a paisagem que o rodeava. A partir do século XVI, observou-se que a relação entre o Homem e o Mundo Natural começou a se transformar. Os animais passaram a ser classificados e considerados primeiramente como fontes de alimento, perdendo características sentimentalistas (THOMAS, 2010).

Para os homens daquele período, a dominação em relação aos animais era importante, pois, demonstrava racionalidade, assim como servia de justificativa para a caça, para a domesticação, para o hábito de comer carne, para o extermínio de raças de predadores e animais nocivos, assim como qualquer outra operação feita em animal vivo com objetivo de realizar estudo ou experimentação (THOMAS, 2010, p.55-56). A dominação sobre os animais e o conhecimento das espécies, eram fatores de extrema importância para a própria sobrevivência do homem. As questões relacionadas ao estudo da natureza estavam em foco ao longo dos séculos XV e XVI na Europa.

À medida que a exploração se torna mais sistemática e extensiva, naturalmente a observação se torna mais exata sobre a fauna exótica conduzida ao interesse da história natural. A redefinição do mundo zoológico medieval, a introdução de novos hábitos e ações, o estudo geográfico, etnográfico, botânico, mineral, meteorológico e muito mais,

despertaram o interesse em estudar a vida dos animais e o conhecimento integrado ao que os colonizadores vivenciavam e englobavam, fazendo com que a figura do animal não fosse independente (BOEHRER, 2007).

A área delimitada no estudo é a região da Mata Atlântica brasileira, que compreende atualmente os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Carnaval & Moritz, 2008; Costa et al., 2000; Muller, 1973; Silva et al., 2012). Essa região foi cenário de importantes explorações geográficas e científicas ocorridas nos primeiros séculos de exploração pelos europeus. A Mata Atlântica sofreu grande perda florestal e biológica desde o início da colonização pelos europeus, constituindo uma importante região de interesse. Podendo ser considerada como uma região com grande carga histórica para ser estudada, explorada e analisada.

A região da Mata Atlântica é uma área extremamente fragmentada e que vem sofrendo pressão de fora dos Trópicos desde os primeiros anos de colonização europeia. O uso das fontes antigas que remontam a presença de mamíferos nativos na região da Mata Atlântica no século XVI trouxe revelações interessantes sobre a visão dos naturalistas e exploradores dos séculos passados. Mesmo com a falta de exatidão sobre o comportamento e ecologia desses animais nativos, esses documentos trazem informações importantes para a Zoologia atual.

Objetivos

Uma das contribuições da História Ambiental refere-se ao questionamento da noção de tempo cronológico, dominante no campo das ciências sociais, mas que não é suficiente para compreender ou explicar a evolução das florestas no planeta. Para explicar os processos evolutivos da natureza, precisamos da escala monumental do

tempo geológico, que como adverte Drummond (1991, p.179), “tem evidentes implicações para pensar a aventura humana no planeta, mesmo que seja apenas para torná-la cronologicamente insignificante.” Afirmando que a História Ambiental representa uma tentativa “de ajustar os ponteiros dos relógios dos dois tempos -, o geológico (natural) e o social” (cronológico) -, o autor acusa a impossibilidade de pensarmos o destino das sociedades “sem ancoragem no mundo natural.” (DRUMMOND, 1991, p. 180).

As florestas sofreram modificações depois de eventos geológicos e sísmicos ocorridos na era Mesozoica, a partir de 200 milhões de anos, que iniciaram o processo de rompimento da massa terrestre da Pangeia. Primeiramente em dois subcontinentes e, depois, em porções menores que se tornaram, com o tempo, os continentes que conhecemos. A separação dos continentes provocou impactos determinantes na distribuição dos seres vivos. Isso aconteceu na medida em que o afastamento geográfico ocasionou mudanças climáticas significativas, que favoreceram a evolução de diferentes espécies da flora e fauna nas regiões formadas pelo afastamento. Esse fenômeno explica as espécies exclusivas (conhecidas como epidêmicas) de plantas e animais presentes em determinados ecossistemas da Mata Atlântica.

Os relatos de viajantes, cronistas, religiosos e colonos, no contexto das descobertas, descrevem o Novo Mundo no intuito de informar aos seus superiores (rei ou membros da Companhia) as condições de potencialidades daquelas terras. Os viajantes cronistas observaram muito sobre o conhecimento dos indígenas. (RIBEIRO, 2006, p.6).

Resultados

Sem entrar no debate sobre as primeiras migrações humanas no continente americano, recorro a um

arqueólogo brasileiro, Prous (2006), que afirma serem inquestionáveis os resultados de pesquisas mais recentes que revelam a presença humana na América do Sul entre 11.500 e 13.000 anos atrás, citando alguns sítios brasileiros em Minas Gerais, no Mato Grosso, no Nordeste e na Amazônia.

O desconhecido entre os séculos XVI e XIX foi descrito em crônicas, diários de viagens e textos científicos, porém os desenhos e xilogravuras também eram recurso de alto valor, pois funcionavam como uma extensão das descrições, constituindo uma conexão para os textos zoológicos (ENENKEL & SMITH, 2007). As obras dos aventureiros, viajantes e naturalistas sobre a fauna, flora e biodiversidade da Mata Atlântica constituem, não somente, informações de como o desconhecido era tratado pelos exploradores europeus no Brasil, mas também de registros históricos importantes e de informações de caráter geográfico e utilidade conservacionista.

Os primeiros europeus que vieram para a América portuguesa se depararam com a Mata Atlântica, uma floresta úmida tropical com abundância em espécies da fauna e flora que ocupa toda a faixa litorânea e é predominante de 15% do território brasileiro. Sua extensão é do Norte ao Sul do Brasil, com extensão inicial era de 1.296.446 km². Seu bioma possui florestas ombrófila densa, ombrófila aberta, ombrófila mista, estacional semidecidual, estacional decidual, savana, savana estépica, estepe, formações pioneiras, refúgios de vegetação e tensão ecológica com ilhas oceânicas (CAMPANILLI & SCHAFFER, 2010, p.56-60)

Sua rica diversidade é resultante de clima úmido formado pela entrada de frentes de chuvas do oceano atlântico, juntamente com a influência dos trópicos por se estender através de várias linhas do Equador, com regimes de pluviosidade, insolação e oscilações de temperaturas. (SILA & CASTELETTI et al., 2005, p.44)

O estabelecimento do primeiro contato dos europeus com a Mata Atlântica, em um ambiente tropical, era um desafio imenso. A diversidade de insetos, animais selvagens, e clima quente da região quente e úmida foram de total estranhamento para os europeus que chegaram ao Novo Mundo (CROSBY, 2011).

Devemos reconhecer que os povos nativos não eram inofensivos em relação aos bens naturais, sendo portadores de tecnologias, embora rudimentares, capazes de impor impactos na Mata Atlântica, evitando qualquer idealização sobre a vocação ecológica dos ameríndios, incorrendo, como sugere Drummond (1997, p.31), num indesejável “etnocentrismo às avessas”. Podemos considerar, portanto, que as sociedades tribais em questão desenvolveram estilos de vida explorando os recursos naturais da Mata Atlântica, modificando-a, certamente, mas sem produzir rupturas ou danos ambientais irreversíveis.

Quando o europeu chegou às terras do Novo Mundo e se deparou com a abundância terrestre, aquática e aérea, logo, quis investir na exploração desses recursos. A natureza tem o seu ritmo de produção, os animais tem o seu estilo de vida e reprodução, e tudo isso era respeitado pelos nativos. Não é exagero dizer que o futuro da caça está por toda parte ameaçado, podendo ser culpa humana. A pobreza da fauna fez com que em muitos países pregassem medidas de conservação (COSTA, 1963).

Considerações Finais

Se a Mata Atlântica e os povos nativos foram atingidos no primeiro século de colonização, nos dois séculos seguintes os impactos foram profundos e irreversíveis, com a apropriação de amplas porções de terra para o cultivo em grandes propriedades de terras e o emprego sistemático de mão de obra escrava, sobretudo de africanos.

Ao final do terceiro século de

exploração colonial, a Mata Atlântica sofreu perda significativa de sua extensão, principalmente nas áreas dominadas pela produção do açúcar - no nordeste e no sudeste da colônia -, além da região impactada pela mineração do ouro e diamantes. Estima-se que, ao longo do século XVIII, com a mineração, a lavoura de subsistência e a pecuária, cerca de 30 mil km² de floresta tenham sido eliminados. Em 1800, cerca de 1.800.000 de habitantes viviam em áreas originalmente ocupadas pela Mata Atlântica, exercendo pressões diárias sobre os seus recursos e projetando um futuro sombrio para a preservação de sua riqueza natural, e que, ao ser atingida pelos cafezais, reafirmaria a perspectiva predatória já conhecida (DEAN, 1996).

Assim, o entendimento de que os bens naturais, como as florestas, representam apenas um obstáculo a ser vencido - ou no máximo algum recurso a ser transformado em mercadoria -, integra a herança colonial mencionada, merecendo também um esforço teórico, filosófico, pedagógico e político para sua superação. Se desejarmos justiça socioambiental em nosso país, não devemos perder de vista que “a exploração da natureza foi realizada *pari passu* com a exploração do trabalho de indígenas, africanos, libertos e mestiços, brancos pobres livres” (MARTINEZ, 2006, p. 28).

O conceito de imperialismo ecológico e o problema de enfermidade no Novo Mundo precisam ser pensados de outro modo, evidenciando não só a questão das trocas biológicas e estranhamento geográfico, mas também o fazer humano e as trocas culturais entre colonizados e colonizadores. Pensar nessas trocas no Novo Mundo é válido quando sabemos das trocas mais amplas entre os povos. Analisando com isso o impacto das doenças europeias no Novo Mundo, e como os europeus também foram influenciados pelos aspectos biológicos dos nativos existentes nas áreas colonizadas (CROSBY, 2011).

Foi a história das interações entre povos distintos que deu forma ao mundo moderno, epidemias, conquistas, genocídio, exploração indevida do solo, caça excessiva de animais, entre outras coisas. Esses enfrentamentos produziram consequências que ainda continuam presentes em áreas do mundo atual (DIAMOND, 2013).

A cobertura de áreas protegidas na Mata Atlântica avançou expressivamente ao longo dos últimos anos, com a contribuição dos governos federais, estaduais, municipais e iniciativa privada. No entanto, a maior parte da vegetação nativa ainda permanece sem proteção. Atualmente, a região da Mata Atlântica é altamente prioritária para a conservação da biodiversidade mundial, abrigando 849 espécies de aves, 370 espécies de anfíbios, 200 espécies de répteis, 270 mamíferos e cerca de 350 espécies de peixes. (dados do Ministério do Meio Ambiente).

Em termos pedagógicos, até o momento, a história da Mata Atlântica nos permite superar os marcos temporais que costumam limitar a consciência de crianças e adolescentes em nossas escolas, ao considerar a perspectiva do tempo geológico, sem o qual não compreendemos os processos evolutivos da natureza. Tal perspectiva histórica pode contribuir para desconstruir a forte vocação antropocêntrica da cultura escolar tradicional, que apresenta a natureza como fonte de recursos úteis, como se a história da natureza existisse apenas para servir aos propósitos humanos. Precisamos aprender, em nossas escolas, a reconhecer valores intrínsecos na natureza, se desejamos de fato construir sociedades sustentáveis. Podemos, ainda, afirmar a importância de conhecermos mais sobre a colonização humana do continente americano, que só recebe atenção nos currículos tradicionais depois do séc. XVI, como se nada de importante tivesse acontecido antes, revelando a perspectiva eurocêntrica e etnocêntrica que prevalece

ainda nas narrativas dominantes.

Referências

BELLUZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. Faculdade de arquitetura e Urbanismo de São Paulo. Editora Objetiva. Metalivros, 1999.

BOEHRER, Bruce. **A cultural history of animals in the Renaissance**. Edited by Linda Kalof and Brigitte Resl. V.3. 2007.

COSTA, Carlos Eurico. **O Caçador**. Editora Estampa. Ltda., Lisboa, 1963.

CAMPANILLI, Maura & CHAFFER, Wigold Bertoldo. (Orgs.) **M425 Mata Atlântica**: patrimônio nacional dos brasileiros. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Disponível em: <<http://www.mataatlantica.org.br/patrimoio-nacional-todos-brasileiros.org.br>> Acesso em 10 out. 2016.

CARNAVAL, A. C. and C. MORITZ. **Historical climate modelling predicts patterns of current biodiversity in th Brazilian Atlantic Forest**. Journal of Biogeography v.35 p.1187-1201, 2008.

CROSBY, A. W. **Imperialismo Ecológico**: a expansão biológica da Europa 900-1900. Trad. José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari.

São Paulo: Companhia das Letras 2011.

DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história da devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAMOND, Jared. **Armas, Germes e Aço**: os destinos das sociedades humanas. Editora Record – Rio de Janeiro. São Paulo, 2013.

DRUMMOND, J. A. **A história ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV/FBB, n° 8, 1991, p. 177-197.

ENENKEL, K. A. E. and SMITH, P. J. **Early Modern Zoology**: The construction of Animals in Science, Literature and the Visual Arts. Leiden/Boston, 2007.

FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. 4ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

MARTINEZ, P.H. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Mata Atlântica**. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica>>. Acesso em 15 dez. 2016.